



Estados passionais em uma sociedade em rede: leitura semiótica de discursos violentos contra mulheres


Passionate states in a network society: semiotic reading of violent discourses against women

[10.29073/naus.v7i2.966](https://doi.org/10.29073/naus.v7i2.966)

Recebido: 15 de dezembro de 2024.

Aprovado: 23 de janeiro de 2025.

Publicado: 19 de março de 2025.

Autor/a 1: Rute Santos , Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil, s_rute@hotmail.com.

Autor/a 2: Kayla Nunes , Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil, kayla.nunes@mail.ufnt.edu.br.

Resumo

No presente artigo propomo-nos a trazer uma possibilidade de leitura para a sala de aula, pelo viés da semiótica discursiva, sobre os discursos violentos e machistas contra mulheres publicados nas redes sociais. Para isso, tomamos como *corpus* uma notícia envolvendo a atriz Brooke Shields, bem como os *hate speeches* publicados após a respectiva publicação da notícia pelo *Instagram*. Assim, buscamos refletir de que modo a semiótica discursiva pode contribuir com a leitura na escola, ao considerar aspectos intratextuais e interdiscursivos, com uma prática de análise que visa à promoção de uma ética da leitura para a formação de leitores críticos e responsáveis, culminando, assim, no que se pretende por cidadania digital. O nosso objetivo é observar o teor passionais dos discursos de ódio propagados em redes sociais, em específico, casos de misoginia e violência de gênero contra mulheres com notoriedade na mídia, bem como discutir sobre alguns procedimentos de leitura e participação que têm implicado as relações no meio digital. Com esse objetivo, seguimos as orientações postuladas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e ancoramos a nossa discussão a partir das teorizações acerca das paixões em Greimas e Fontanille (1993), das relações em Landowski (2015), e da leitura semiótica em Silva (2019, 2020, 2021), Teixeira (2019) e Barros (2015, 2020), com vistas à didatização da semiótica.

Palavras-Chave: Discursos Violentos; *Hate Speeches*; Machismo; Redes Sociais; Semiótica Discursiva.

Abstract

In this article, we propose to bring a possibility of reading for the classroom, through the lens of discursive semiotics, regarding the violent and sexist discourses against women published on social media. To do this, we take as our corpus a news article involving actress Brooke Shields, as well as the hate speeches published after the respective news item on Instagram. Thus, we seek to reflect on how discursive semiotics can contribute to reading in schools, considering intratextual and interdiscursive aspects, with an analysis practice aimed at promoting an ethics of reading for the formation of critical and responsible readers, culminating in what is intended by digital citizenship. Our objective is to observe the passionate content of hate speeches propagated on social networks, specifically, cases of misogyny and gender violence against women with notoriety in the media, as well as discussing some reading and participation procedures that have implicated relationships in the digital medium. With this objective, we follow the guidelines set forth by the BNCC (National Common Curricular Base) and anchor our discussion based on the theories regarding passions by Greimas and Fontanille (1993), relations by Landowski (2015), and semiotic reading in Silva (2019, 2020, 2021), Teixeira (2019), and Barros (2015, 2020), with a view to the didactization of semiotics.

Keywords: Discursive Semiotics; Hate Speeches; Machismo; Social Media; Violent Discourses.



1. Introdução

A internet não é a causa do preconceito e da intolerância, mas os discursos nela construídos facilitam, desencadeiam, incentivam ou escancaram a produção de discursos agressivos, intolerantes e preconceituosos e sua intensa e extensa divulgação. (Barros, 2015, p. 29)

Os ambientes e as relações são cada vez mais interativos, colaborativos e descentralizados na vida contemporânea. O advento da internet trouxe novos componentes, ambientes e processos organizativos de mobilização e convivência. As mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas têm feito a sociedade e as relações entre as pessoas assumirem uma nova dinâmica. Avançamos em tecnologia, na medicina, até em questões jurídicas com o reconhecimento de direitos humanos como fundamentais. Porém, ainda estamos quase estagnados em áreas também fundamentais para a organização social, a educação e a política estão entre elas, haja vista que questões relacionadas às minorias sociais, como a igualdade de gênero, ainda sejam colocadas em discussão por grupos que insistem em negar tais direitos já consagrados em lei.

O sociólogo Manuel Castells (1999) cunhou o termo ‘sociedade em rede’ onde observa que a Era da Informação demonstra um novo momento histórico para a humanidade. Nesse contexto, a internet vem abrindo novos espaços e propondo novas configurações para o tecido social. Para o autor, “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (Castells, 1999, p. 43). São essas ferramentas que demarcam a evolução social e transformam a comunicação e, como consequência, o comportamento humano.

Ao tratar das relações sensíveis entre si e o outro, o semiótico Eric Landowski (2015), por sua vez, considera esse espaço complexo dos ambientes virtuais como paradoxal aos regimes de interação.

sem volume nem matéria, apresenta grandes semelhanças com outro espaço de convenção, que, embora não seja mais carregado de substância que nossos modelos gramaticais, transformou-se em apenas algumas décadas no mais pregnante, o mais querido, o mais “real” de todos os entornos cotidianos: o estranho “espaço” da Rede Internet. Até ele se tornar, segundo alguns sociólogos, o novo “bios” no qual, nós “pós-modernos”, estaríamos destinados a viver. Mas ao preço de que mudanças na nossa maneira de ser-no-mundo? (Landowski, 2015, p. 14)

Nessa perspectiva, a sociedade é composta por regras que expressam as relações de convivência e poder. São essas relações de poder que os autores, em suas searas de pesquisa, tentam compreender e explicar a partir da interação dos sujeitos em ambientes virtuais, espaço sem fronteiras que tem reconfigurado as formas viver e ser no mundo mediante “à pluralidade dos regimes de interação concebíveis entre o mundo e os sujeitos” (Landowski, 2015, p. 12)

Entre as múltiplas nuances que a sociedade em rede, teorizada por Castells e refletida por Landowski, apresenta na contemporaneidade, neste texto nos deteremos àquelas ligadas à cidadania digital¹, mediante uma ética da leitura e participação que deve ser incentivada nas relações sociais vivenciadas dentro e fora do ambiente virtual.

A urgência do tema deve-se pela violência crescente praticada nesse espaço sem fronteiras, principalmente nas redes sociais. Apesar dos avanços tecnológicos já citados, na mesma medida em que a democratização do acesso à informação proporcionou benefícios socioeconômicos com a explosão digital, gerou efeitos colaterais. Na gama de relações mediadas pelo suporte digital, fenômenos como das *fake news*, pós-verdade e a prática de *hate*

¹ Para uma definição do termo, Costa (2019, p. 11) propõe como o uso e compreensão das mídias e tecnologias de forma crítica. “Vale-se da cultura participativa para enaltecer o engajamento como forma de expressão de ideias, defesa de direitos e envolvimento em agendas políticas. Empresta também as abordagens reflexivas do letramento digital e dos estudos sobre a mediação da interação de crianças e adolescentes com as tecnologias para enaltecer o papel da leitura crítica destes recursos como forma de participação consciente”. Neste contexto, os professores desempenham um papel extremamente relevante, enquanto mediadores e agentes engajados na formação crítica de seus alunos.



*speech*² estão cada vez mais frequentes e carecem ser combatidos. Na leitura que propomos aqui, não abordaremos os dois primeiros, o nosso objetivo é observar o teor passional dos discursos de ódio propagados em redes sociais, em específico, casos de misoginia e violência de gênero contra mulheres com notoriedade na mídia, bem como discutir sobre alguns procedimentos de leitura e participação que têm implicado as relações no meio digital.³

Além disso, mantém-nos em observância ao disposto na BNCC quanto às habilidades de leitura que devem ser desenvolvidas na escola e atentas às interferências que a prática de *hate speeches* pode acarretar para a vida em comunidade. Assim, ancoramos a nossa discussão nos instrumentais de análise da semiótica discursiva, a partir das teorizações acerca das paixões em Greimas e Fontanille (1993), das relações em Landowski (2015), e da leitura semiótica em Silva (2019, 2020, 2021), Teixeira (2019) e Barros (2015, 2020). Por fim, propomos sugestões para a leitura de textos que propagam discursos violentos nas redes sociais a fim de fomentar a leitura crítica e construção da cidadania digital na escola.

2. Reflexões sobre a Leitura na Escola

Diante do atual cenário de desinformação, acriticidade e fragilidade na leitura, posturas que demonstram campo fértil para a propagação de enunciações de teor violento, ataques à dignidade individual de usuárias têm ganhado adeptos e interferido diretamente nas relações sociais em todo o mundo. Com enunciações ofensivas e violentas, elaboradas com o propósito de ferir o alvo escolhido e convencer mais usuários a aderirem à postura enunciada, mobilizam diferentes linguagens para conferir o tom de reprovação moral adotado e convocar um verdadeiro tribunal da opinião pública.

Por ser uma instituição que integra o corpus social, a escola não está isenta de tais relações. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018) elenca extenso rol de competências e habilidades concernentes às práticas de leitura, produção e participação cidadã, com especial atenção às relações no suporte digital. Nas dez competências gerais que o documento estabelece para a Educação Básica, observamos a recorrência de termos e expressões relacionados aos modos de vida na contemporaneidade tais como investigação; reflexão; entendimento mútuo; ética nas diversas práticas sociais; cidadania, consciência crítica e responsabilidade; respeito e promoção de direitos humanos, entre outros. A título de exemplificação, destacamos as competências 1 e 10, respectivamente:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Brasil, 2018, p. 09)

Para lidar com os desafios do contexto atual, com foco no desenvolvimento de competências, o documento orienta a oferta de práticas de leitura que viabilizem o desenvolvimento de habilidades para o exercício da cidadania. Para esta análise, tomamos com referência os anos finais do ensino fundamental, com vistas a encontrar formas eficazes de lidar com os distintos modos de vida e desenvolver atuação pedagógica que valorize

² De acordo com Peres (2022, p. 50), O *hate speech*, ou discurso do ódio, é aquele que visa a disseminar e promover o ódio em função da raça, religião, etnia ou nacionalidade (Rosenfeld, 2012, p. 242), podendo se dar também, por exemplo, em função do gênero, da orientação sexual, etc. Necessário ainda pontuar que o discurso do ódio deve ser dirigido ao grupo como um todo, e não a uma pessoa específica, pois estaria se tratando de mera ofensa pessoal.

³ Com esse mesmo objetivo, publicamos no corrente ano um capítulo no livro "Semiótica e Ensino: diálogos teóricos e práticas para/com a escola", organizado pelas autoras Luiza Helena e Eliane Miqueleti, trazendo algumas leituras de textos sincréticos a partir da semiótica discursiva.



a diversidade e busque fortalecer “o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa” (Brasil, 2018, p. 62).

Além das questões de ordem linguística, para que a cidadania digital seja fomentada na escola, é preciso que as práticas de leitura oportunizem também a complexidade das relações mediadas em rede, o que para Silva (2019) exige a adoção de uma didática da leitura que reconheça e medeie a construção da compreensão de práticas diversas, a considerar a complexidade dos fenômenos de produção e recepção em torno dos textos na contemporaneidade.

Teoria geral da significação (Greimas; Courtés, 2018, p. 455), a semiótica investiga os procedimentos da organização textual e os mecanismos enunciativos de produção e de apreensão do sentido. Seu principal objetivo é a análise dos efeitos de sentido que os textos podem produzir em enunciações como as de cunho passional. Em suma, esse direcionamento teórico-metodológico nos permite conceber a leitura como exercício de construção do sujeito em interação com objetos/textos e outros sujeitos.

Assim, ao propor práticas de leitura em sala de aula, faz-se necessário negociar os sentidos que podem ser atribuídos aos textos, mediante uma construção coletiva que envolve os sujeitos da prática pedagógica, professores e alunos, levando em conta os processos particulares mobilizados (as isotopias⁴ de leitura), (Silva, 2021), bem como os aspectos históricos e ideológicos que concorrem para ler em um ou outro(s) sentido(s).

Com os instrumentais de leitura que a semiótica nos oferece a partir de um percurso gerativo de sentido que se organiza em patamares sucessivos de abstração (fundamental, o narrativo e o discursivo)⁵, nossa atenção recai em aspectos ligados ao nível discursivo. Nível mais complexo e superficial, nosso intuito é investigar os percursos temáticos e figurativos que denunciem o teor passional, bem como os recursos de persuasão mobilizados por um enunciador frente a um enunciatário pressuposto.

Ancoradas nessa filiação teórica sobre texto/discurso, e considerando o que propõe a didática da leitura defendida por Silva (2019), é que buscamos refletir de que modo a semiótica discursiva pode contribuir com a leitura na escola, ao considerar aspectos intratextuais e interdiscursivos, com uma prática de análise que visa à promoção de uma ética da leitura para a formação de leitores críticos e responsáveis, culminando, assim, no que se pretende por cidadania digital.

Para tanto, apresentamos um percurso de leitura que reflete sobre a construção de uma enunciação que produz uma visão preconceituosa perante os sujeitos e contextos em que se situam. Para recorte de análise, selecionamos uma notícia e alguns *hate speeches* sobre ela que foram veiculados em perfis de redes sociais, a saber *Instagram*, e que concentram enunciações⁶ de teor passional contra mulheres. Antes de adentrarmos à leitura semiótica de tais textos, tecemos algumas considerações sobre as paixões.

⁴ O termo da metalinguagem semiótica corresponde à orientação dos percursos apresentados ao leitor, possibilitando assim, que estabeleça relações entre elementos figurativos e temáticos dos textos. “Do ponto de vista do enunciatário, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite elidir ambiguidades” (Greimas; Courtés, 2018, p. 278)

⁵ Orientação metodológica a partir da qual é possível descrever a produção/direção dos sentidos seguindo níveis de abstração, do mais profundo e abstrato ao mais superficial e concreto, como seguem: no nível fundamental busca-se uma oposição semântica que sintetize o mínimo de sentido (ser x parecer); no narrativo, entram em jogo os sujeitos em busca dos objetos-valores partindo de estados, atuam mediante transformações; no discursivo, as estruturas narrativas são convertidas em discurso a partir das materializações textuais. Conforme Barros (2005, p. 13–16), para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Assim, temos no nível fundamental a primeira etapa onde a significação surge como uma oposição semântica mínima; no segundo patamar, temos o nível narrativo, onde ocorrem as transformações do ponto de vista de um sujeito; e por último, o nível discursivo, onde a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

⁶ Enunciação em semiótica é considerada instância de mediação entre sujeito/objeto/sujeito. “[...] instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)” (Greimas; Courtés, 2018, p. 166).



3. Sobre o Teor Passional dos *Hate Speeches*

Para a semiótica, a paixão manifesta-se na dimensão dos sentimentos e pode ser considerada como excesso patêmico que está no ápice das relações tensivas. Ela determina o porvir do sujeito social, que em grande intensidade, deixa que o sujeito da ação seja dominado pelo sujeito do sentir, perdendo assim, a razão em função desse sentir perante um dado objeto, sujeito ou situação. Dessa forma, implica um fazer, um situar-se no mundo, “um modo de existência semiótico”. Esse modo de existência pode ser observado pelas configurações passionais assumidas “pela mediação do corpo que percebe o mundo e transforma-se em sentido - em língua -”, e que “está longe de ser inocente”, conforme Greimas e Fontanille (1993, p. 13).

Ao discutir o mundo como contínuo os autores supracitados, estabelecem a relação “sujeito/mundo” nessa existência semiótica mediada pelo corpo que sente e que “institui uma equivalência formal entre os ‘estados de coisas’ e os ‘estados de alma’ do sujeito” (1993, p. 15). Nos casos-limite como das “paixões ‘violentas’, tais como a cólera, o desespero, o deslumbramento ou o terror,

veríamos surgir a sensibilização, em sua pontualidade incoativa, como *quebra* do discurso, como fator de heterogeneidade, espécie de transe do sujeito que o transporta a um alhures imprevisível, que o transforma, gostaríamos de dizer, em um sujeito *outro*. É aí que a paixão aparece em sua nudez, como a negação do racional e do cognitivo, e que o “sentir” transborda o “perceber”. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 18)

Sobre esse assujeitamento passional que faz ecoar uma visão subjetiva a partir de modos de sentir o mundo, observam ainda que “não é mais o mundo natural que vem em direção ao sujeito, mas o sujeito que se proclama mestre do mundo, seu significado, e o reorganiza figurativamente a seu modo”. No que consideram como um tipo de desdobramento do sujeito “em sujeito-que-percebe e sujeito-que-sente” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 19).

Ainda segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 21), as paixões podem ser observadas nos discursos “como portadoras de efeitos de sentido muito particulares; ele exala como um cheiro confuso, difícil de determinar”. Como as posturas individuais observadas a partir de comportamentos sociais arraigados histórica e socialmente como as questões de gênero, carecendo assim, interpretação que dê conta de sua organização discursiva, bem como da situação em que se estabelece a enunciação de teor passional.

Captar os efeitos de sentido globalmente como “cheiro” dos dispositivos semionarrativos postos em discurso é reconhecer, de certa maneira, que as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades dos discursos inteiros, e que elas emanam das estruturas discursivas pelo efeito de um ‘estilo semiótico’ que pode projetar-se seja sobre os sujeitos, seja sobre os objetos, seja sobre sua junção. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 21)

Sobre as paixões malevolentes como apontadas por Silva (2019), muito tem-se observado no universo das redes sociais. Quando determinado usuário não concorda com o que vê/lê e passa a participar como autor de atitudes radicais com forte teor passional. Para “poder falar de paixão é, portanto, tentar reduzir esse hiato entre o ‘conhecer’ e o ‘sentir’” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 22). Além de ações e reações violentas propagadas contra o alvo escolhido, busca a adesão de mais enunciatários para que assumam a condição de autoria com novos ataques. Tendo as paixões o sentido de afetividade, esse sujeito da ação dominado por configurações passionais mobiliza recursos linguísticos e visuais para proferir seu discurso baseado em excesso violento.

Para refletir sobre os discursos de ódio contra mulheres em redes sociais, tomamos ainda de Greimas e Fontanille (1993, p. 46–47) considerações sobre as estruturas *polêmico-contratuais*. A depender da relação tensiva entre sujeito/objeto (podendo ser outro sujeito em que o objeto-valor está investido), “outras paixões consagram a irrupção da polêmica num universo contratual: assim ocorre com a “cólera”, que suscita frustração a partir de um horizonte contratual pacífico”. Essa cólera como estado patêmico de um sujeito pode ser observada nas



práticas herdadas da estrutura patriarcal, que tem no machismo uma forma de vida. É sobre a polêmica instaurada em enunciações passionais contra mulheres em redes sociais que tratamos a seguir.

3.1. Quando a Liberdade de Expressão se Torna Discurso Violento

Sobre a complexidade discursiva na internet, Barros (2015, p. 28) ressalta que a comunicação tem seus sentidos exacerbados. “O sujeito do discurso da internet é instalado como um sujeito do poder que a interatividade intensificada, a extensão e propagação alargadas, o saber e o anonimato lhe dão”.

Pelo princípio de imanência⁷ do texto adotado pela teoria da semiótica, buscamos desenvolver a didática da leitura defendida por Silva (2021), que visa orientar o leitor a explorar inicialmente os elementos internos (tanto do ponto de vista do plano do conteúdo quanto do plano da expressão) para avançar sua reflexão ao analisar também práticas de desconstrução de preconceitos e tabus a serem mobilizadas pelo leitor. Para tal leitura, é importante observar os recursos empregados no discurso, para identificar e compreender os elementos que constituem o plano da expressão e conferem sentido aos objetos semióticos no plano do conteúdo, a partir de regularidades, conforme sugerido por Barros (2019, 2020):

Estilo — podemos recorrer a estratégias de leitura que identificam marcas de excesso, como os discursos violentos, bem como expressam posições polêmicas.

Figurativização — recursos que remetem ao mundo natural, como imagens e descrições, utilizados para caracterizar espaços, pessoas, períodos, produzindo seu efeito de verdade, de real, mais concreto. Além do atrativo visual, as imagens que compõem os textos conferem maior efeito de confiabilidade, seja por fotografias, montagens, ícones ou vídeos.

Tematização — para enxergar as categorias abstratas, os temas dizem respeito ao assunto enunciado, suas abordagens ideológicas. Entre os temas recorrentes acerca das questões de gênero, visões distorcidas do que se configura como feminismo são frequentemente veiculadas. Conforme observa Barros (2019, p. 10), o emprego de temas e figuras determinam ideologicamente os textos e indicam a classe, a camada social, o grupo de que o enunciatador do texto faz parte. Dessa forma, os temas e as figuras, ao conduzirem a essa identificação de valores, permitem também desmascarar os textos fundamentados na intolerância.

Dimensão passional — para garantir empatia e adesão do leitor, por consequência a manipulação de sua forma de pensar e agir, textos que veiculam discursos intolerantes lançam mão de mecanismos de persuasão baseados nos estados d’alma dos sujeitos. Em relação aos discursos que veiculam preconceito, o tom passional é uma das principais características que devem ser observadas.

Para refletir sobre o teor passional dos discursos propagados contra mulheres em redes sociais e oferecer alternativas possíveis à promoção da ética e da didática da leitura, oportunizando a construção de uma cidadania digital, apresentamos a seguir breve análise semiótica de textos sincréticos que mobilizam as paixões malevolentes e em seguida, sugestões para o trabalho com tais textos em sala de aula.

4. Regularidades Enunciativas Presentes em Discursos Violentos contra Mulheres

Textos que propagam posições discursivas carregadas de preconceitos e violência de gênero, como os *hate speeches* são, majoritariamente, observados nas seções de comentários em publicações veiculadas nas redes sociais. É o espaço em que o enunciatário dos textos assume também a condição de enunciatador, encontrando a liberdade para expressar sua visão de mundo acerca do que é veiculado. Assumindo condição de autoria,

⁷ O Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés (2018, p. 255), traz o princípio da imanência como uma retomada de Hjelmslev da autonomia linguística defendida por Saussure, “sendo a forma (ou a língua no sentido saussuriano) o objeto da linguística, qualquer recurso aos fatos extralinguísticos deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição”. Dessa forma, “o conceito da imanência participa, como um dos termos, da dicotomia imanência/manifestação, isto é, a forma semiótica imanente”.



geralmente, tem como objetivo ratificar o que é enunciado ou mesmo contestar a partir de seu ponto de vista individual, sempre carregado de um estado d'alma baseado em suas paixões.

A fim de apresentar brevemente as possíveis regularidades que envolvem a constituição e propagação de discursos de ódio sobre a questão de gênero, selecionamos comentários sobre uma notícia veiculada no perfil do Jornal Folha de São Paulo, em 24 de janeiro de 2023. O texto em questão traz como tema a violência sexual sofrida pela atriz norte-americana Brooke Shields, protagonista do filme “Lagoa azul”, nos anos 80.

Figura 1: Notícia com declaração de Brook Shields sobre estupro aos 22 anos.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cny9GNBsCkr/?igshid=NTc4MTlwNjQ2YQ>.

Ao observarmos a composição verbo-visual do texto acima, na figurativização, temos uma fotografia opacizada. Diante de uma gama de imagens da atriz considerada uma das mulheres mais fotografadas no mundo, a opção pela seleção de uma fotografia antiga, que remete justamente aos seus 22 anos, período em que a atriz teve grande ascensão na mídia internacional ao protagonizar filmes e comerciais durante a juventude, tem a intenção de retratá-la no auge da carreira e resgatar suas feições juvenis, no intuito de chamar a atenção do leitor para suas características físicas à época.

Sentada em primeiro plano, de costas para o cenário de um estúdio ao fundo, a imagem da atriz é acompanhada da frase “Brooke Shields, de Lagoa Azul, conta ter sido estuprada aos 22 anos”. No *card*⁸, a imagem da jovem sentada para a entrevista indica feição de tristeza/reflexão. Traz no texto verbal o efeito de dúvida da violência sofrida pela atriz ao enfatizar que ela “conta ter sido estuprada” ao invés de afirmar, por exemplo, que ela denuncia o estupro, numa tentativa de eufemizar a violência sofrida pela jovem e trazer ao leitor a incerteza sobre o fato.

Aqui observamos uma relação de reiteração em que o texto verbal é apoiado pela expressão que a imagem da atriz produz, pois a cena figurativiza, também, a situação de um julgamento em que a expressão cabisbaixa, com olhar fugidio, produz a sensação de que sua declaração pode ser colocada em xeque pela opinião pública, destinatário que assume a posição de júri em um tribunal – o das redes sociais.

Do ponto de vista do estilo, embora tente produzir efeito de impessoalidade como é comum em textos informativos divulgados por veículos de imprensa, a composição do título com aspecto de recorte de entrevista seguido da legenda revela marcas de intencionalidade nas escolhas lexicais empregadas. Iniciada com o substantivo “violência”, destacado em letras maiúsculas entre barras, funciona como a retransmissão da notícia e

⁸ Como explicado por Diniz e Rodrigues (2020), “os cards são pedaços interativos de informação apresentados quase sempre em um formato retangular que são postados na web. Assim como cartões de crédito ou cartas de jogos, os cards da web contêm informações resumidas, relevantes e de rápida compreensão”. Gênero que se assemelha aos cartazes e manchetes de jornais. A adaptação para o suporte digital atende ao formato de leitura que as redes sociais estimulam, principalmente o Instagram, que é uma rede onde se privilegia as imagens.



antecipa ao enunciatório o tema que o texto irá explorar, convocando para a leitura. Indica ao leitor que a atriz está envolvida em um contexto de violência, setor muito explorado pelos noticiários e com grande adesão do público, numa tentativa de garantir audiência do usuário da rede social acerca de um fato envolvendo uma personalidade internacional.

Chamam a atenção, ainda, os verbos “destila” e “coleccionou” atribuídos à declaração da atriz no que consideram uma “infância altamente sexualizada”. A adjetivação dos relatos da atriz pela editoria do jornal já aponta para o direcionamento de uma leitura tendenciosa à sua culpabilização enquanto vítima ao afirmar que a atriz “transforma” sua vida em pesadelo, indicando pelo verbo mobilizado, a ação consciente praticada por um sujeito diante de determinada situação e não o trauma sofrido enquanto vítima.

É o que Greimas (2017) considera como a relação entre o ser e o parecer. Ao noticiar o caso de violência relatado pela atriz, em suas escolhas discursivas, o enunciador opta pela suspeição do relato, minimizando o crime diante da culpabilização da vítima em insinuar que sua beleza e atuação no meio artístico sejam motivos para tal ato, produzindo efeito de dúvida no enunciatório, que na rede social assume erroneamente o papel de julgador, frente a veracidade do relato. O enunciador não assume diretamente a responsabilidade pela leitura tendenciosa, mas induz o enunciatório a assumir a responsabilidade pela condenação da atriz, que é apresentada como uma colecionadora de traumas de uma “infância altamente sexualizada”, portanto, uma pessoa de conduta não confiável.

Na tematização, a forma como o estupro é mobilizado traz consigo os conceitos enunciados sobre a naturalização da violência de gênero. Observemos que além da responsabilização da mãe da atriz pela sua exposição excessiva desde a infância e sua beleza, o texto em questão não menciona o fato de a violência sexual ser um crime e culpa única e exclusivamente do seu referido autor. Essa postura abre margem para a prática do discurso de ódio pelos leitores que demonstram certa empatia pelo modo de dizer do jornal. Dos 346 comentários observados na data da análise do material, selecionamos sete exemplos da prática de *hate speech*:

Figura 2: Comentários sobre o caso Brooke Shields no post da Folha.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo. <https://www.instagram.com/p/Cny9GNBsCkr/?igshid=NTc4MTIwNjQ2YQ>.

Na dimensão passional, as práticas de leitura e autoria no suporte digital concernentes à violência sexual sofrida por mulheres, em suma violência de gênero, geralmente estão carregadas de sarcasmo e ironias que indicam dúvidas sobre a veracidade do fato e a consequente culpabilização da vítima, o que leva à adoção de discursos de configuração passional. Com a intenção de pôr em xeque o que é denunciado, bem como fragilizar a posição da vítima, optam pelo sexismo⁹ para proteger a supremacia masculina.

Numa tentativa de justificar as motivações de tal ato, as enunciações propagadas nas seções de comentários têm a intenção de manipular outros leitores a interpretações negativas que funcionam como desencadeadores de

⁹ O sexismo é uma forma de discriminação e preconceito baseado no gênero. Ele se manifesta em crenças, atitudes e comportamentos que promovem a ideia de que um gênero é superior ou inferior ao outro. Para Lilia Schwarcz, “o conceito de “sexo” é regularmente utilizado para definir categorias inatas, dadas a partir da perspectiva da biologia: o feminino e o masculino. Já a “gênero” diz respeito aos papéis e às construções sociais que homens e mulheres optam por performar durante a vida.” (Schwarcz, 2019, p. 183)



discursos de ódio, como os citados acima. Vejamos a transcrição de cada um: “Mulheres são vulgares e provocam e quando acontece reclamam é só olhar as vestimentas delas hj quase sem roupa”, “Depois de décadas (emotion de deboche) não foi o boy magia da Lagoa azul naquelas cenas em lugares paradisíacos”, “sempre acontece com uma mulher bonita”, “Era minha crush na adolescência”, “Agora deu de todo mundo ter sido estuprado e molestado! Sei não!”, “A primeira culpada é a mãe dela”, “Pq não disse isso antes?”. Tais comentários deixam evidente o que Greimas (1993) considera como paixões malevolentes, em que se emprega o excesso patêmico como a cólera. Com tom de deboche e/ou desconfiança, todos os comentários apontam a vítima como culpada ou dissimuladora da verdade e amplia o julgamento a todas as mulheres, revelando a misoginia¹⁰. Vale ressaltar que esses comentários são fomentados a partir dos enunciados da notícia, os quais deixam brechas para a dúvida em relação ao depoimento da atriz.

Como afirma Lilia Schwarcz, “quanto mais as mulheres vão conseguindo impor sua independência e autonomia, tanto maior tem sido a reação masculina e as demonstrações de misoginia.” (SCHWARCZ, 2019, p. 187). Com *post* da Folha, os internautas machistas não perderam a oportunidade de apresentar sua raiva pelas mulheres, sem qualquer empatia pela dor alheia. A revelação da atriz depois de anos, em nenhum momento foi vista como a quebra de um silêncio que guardava memórias de dor. O teor passional a que explicitamos anteriormente são claramente visíveis nesses comentários e fazem parte da cultura ideológica patriarcal que ainda predomina no Brasil.

4.1. Como abordar o tema em sala de aula: uma sugestão

Tomando como referência a segunda etapa do ensino fundamental, a BNCC discute que a massificação das tecnologias de informação e comunicação na vida cotidiana também influencia diretamente no desenvolvimento dos alunos dentro e fora da escola.

Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. Por sua vez, essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar. (Brasil, 2018, p. 61)

Para fomentar cidadania digital e enfrentar essa demanda, o documento ressalta que a escola deve assumir o compromisso de estimular “o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais”. Para tanto, reconhece que se adote práticas de leitura com vistas aos “usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital”.

Detendo-nos mais precisamente a área de linguagens, trazemos a competência número 6 para nortear as sugestões didáticas aqui apresentadas:

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (Brasil, 2018, p. 65)

Após a apresentação do texto, para direcionar o olhar do aluno sobre o que é enunciado, a interlocução do professor é primordial para que, com os instrumentos da semiótica, possam compreender o texto, sua materialidade, identificar os excessos que comumente são mobilizados e que expressam posições discursivas

¹⁰ Conforme Schwarcz, **espaço a mais** a misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega, até a atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual.” (SCHWARCZ, 2019, p. 186),



violentas e preconceituosas. Por fim, exercer a reflexão e tomada de decisões de forma consciente e autônoma diante do que é lido.

Um debate coordenado pode ser útil para problematizar essa estratégia enunciativa em sala de aula. Caberia, aí, orientar os alunos sobre a localização das figuras que compõem cada enunciação para chegar aos temas presentes no texto. Quanto à importância da validação de argumentos, podem ser estratégias eficazes nesse processo de leitura para a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos.

Abrir espaço para que o aluno reflita sobre cada situação apontada, seja por meio de roda de conversa, ou para evitar possíveis constrangimentos pela escrita individual, pode possibilitar não apenas o desenvolvimento de postura ética como, também, a empatia. É possível ainda abordar temas que são considerados tabus sociais, um dos grandes desafios em sala de aula. Além da explanação ilustrada acima, caberia direcionar os alunos à leitura do texto verbal que acompanha o infográfico para a discussão do tema, o que pode auxiliar na desconstrução de posturas que tendem à culpabilização da vítima através de subterfúgios que falsamente justifiquem a atitude do agressor.

Quanto à importância da validação de argumentos, podem ser estratégias eficazes nesse processo de leitura para a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos, os quais configuram a misoginia como manifestação do machismo e da violência de gênero.

5. Considerações Finais

Para apropriar-se das habilidades que garantem autonomia ao sujeito para ler criticamente e produzir com responsabilidade, faz-se necessário uma formação para o exercício da cidadania digital e participação cívica. Se é na escola que a aquisição dessa competência leitora será construída, é primordial que o professor tenha acesso à gama de informações que subsidiarão sua prática em sala de aula.

Nesse processo de estimular a construção de senso crítico do aluno, antes de promover ou propagar determinada posição discursiva, o professor precisa, antes de tudo, ser capaz de analisar de forma crítica o que está sendo enunciado.

Por fim, esperamos que a nossa proposta venha inspirar e encorajar outros profissionais da área da linguagem a alçarem os seus voos rumo às diversas possibilidades que a didática da leitura oferece. E que não se intimidem em percorrer o caminho da semiótica discursiva.

Referências

- Barros, D. L. P. (2005). *Teoria semiótica do texto* (4th ed.). Ática.
- Barros, D. L. P. (2015). A complexidade discursiva na internet. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, 13(2), 13–31.
- Barros, D. L. P. (2019). Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. *Estudos Semióticos*, 15(2), 1–18.
- Barros, D. L. P. (2020, September 2). Intolerância, mentira e educação: reflexões sobre o discurso [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=le2T8Tk1t-c>
- Brasil. Ministério da Educação. (2018). *Base nacional comum curricular*. Brasília.
- Brooke Shields, de Lagoa Azul conta ter sido estuprada aos 22 anos. (2023, January 24). *Instagram*. <https://www.instagram.com/p/Cny9GNBsCkr/?igshid=NTc4MTIwNjQ2YQ>
- Cantadas progressistas. (2022, December 6). Assédio não é brincadeira, é CRIME! *Instagram*. <https://www.instagram.com/p/CI2QRc5rrYG/?igshid=NTc4MTIwNjQ2YQ==>
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. Paz e Terra.



Costa, D. (2019). *A educação para a cidadania digital na escola: Análise multidimensional da atuação dos professores enquanto mediadores da cultura digital nos processos de ensino e de aprendizagem* [Doctoral dissertation, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/ispui/handle/handle/22263>

Diniz, S. N. R. (2020). Avaliação de cards em posts de rede social Facebook para campanha educativa da prevenção de sarampo. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 21(1).

Elas feministas. (2023, January 11). Quando é estupro. *Instagram*. <https://www.instagram.com/p/CnRyYsZO-vc/?igshid=NTc4MTlwNjQ2YQ==>

Greimas, A. J., & Fontanille, J. (1993). *Semiótica das paixões*. Editora Ática.

Greimas, A. J. (2017). *Da imperfeição* (2nd ed., A. C. Oliveira, Trans.). Estação das Letras e Cores.

Greimas, A. J., & Courtés, J. (2018). *Dicionário de semiótica* (2nd ed.). Contexto.

Landowski, E. (2015). Regimes de espaço. *Galaxia (São Paulo, Online)*, 29, 10–27.

Peres, S. A. C. (2022). Hate speech: sob o manto da liberdade de expressão. *Medios, Violencia y Alteridad. Las Múltiples Facetas de una Realidad Global*. <https://www.unilim.fr/trahs>

Silva, L. H. O. (2019). Interações, leituras e sentidos em tempos de fake news: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. *Estudos Semióticos*, 15(1), 31–45.

Silva, L. H. O. (2021). Formação do leitor na escola: Questionamentos a partir da semiótica discursiva. In F. N. P. Pinto, L. H. O. Silva, M. A. Melo, & D. B. A. Carvalho (Eds.), *Ensino de literatura no contexto contemporâneo* (pp. 197–217). Mercado de Letras.

Silva, L. H. O., & Miqueletti, E. A. (2024). *Semiótica e ensino: Diálogos teóricos e práticos para/com a escola* [E-book]. São Paulo: Editora Dialética.

Teixeira, L. (2004). Entre dispersão e acúmulo: Para uma metodologia de análise de textos sincréticos. *Gragoatá*, 16, 229–242.

Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar. **Revisão por Pares:** Dupla-cega.



Todo o conteúdo da *NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.